

A MINHA FÉ ¹

OBRA QUE, NUM DESÍGNIO APOSTÓLICO,
MONS. BRUNO DE SOLAGES SOLICITARA AO PADRE TEILHARD

***Creio que o Universo é uma Evolução
Creio que a Evolução caminha para o Espírito
Creio que o Espírito² se perfaz em algo de Pessoal.
Creio que o Pessoal supremo é o Cristo-Universal.***

Como qualquer outro conhecimento humano, a Psicologia Religiosa constrói-se a partir de experiências. Ela precisa de factos. E dado que, na ocorrência, os factos só aparecem no mais fundo das consciências, ela aguarda, para se desenvolver, «confissões» individuais.

Foi puramente nesta qualidade documental que tentei fixar, nas páginas que se seguem as razões, os cambiantes e também os limites ou as dificuldades da minha fé cristã. Não me considero, de forma alguma, melhor ou mais importante do que um outro. Simplesmente, por uma série de razões acidentais, acontece que o meu caso é significativo e, nesta qualidade, merece ser registado.

A originalidade da minha crença está em possuir as suas raízes em dois domínios de vida habitualmente considerados antagónicos. Por educação e por formação intelectual, pertenço aos «filhos do Céu». Mas, por temperamento e pelos estudos profissionais, sou um «filho da Terra». Colocado assim pela vida no seio de dois mundos dos quais conheço, por experiência corrente, a teoria, a língua, os sentimentos, não estabeleci qualquer divisória interior. Antes deixei reagir em plena liberdade, uma sobre a outra, no fundo de mim mesmo, duas influências aparentemente discordantes. Ora, no termo desta operação, após trinta anos consagrados à demanda da unidade interior, tenho a impressão de que se operou naturalmente uma síntese entre as duas correntes que me solicitam. Uma coisa não matou a outra, mas, pelo contrário, reforçou-a. Hoje, acredito provavelmente melhor do que nunca em Deus — e certamente mais do que nunca no Mundo. Não residirá aqui, numa escala individual, a solução particular, pelo menos esboçada, do grande problema espiritual com que se debate, nos dias de hoje, a frente em marcha da Humanidade?

Um pouco ao acaso, vou atirar a semente ao vento. Estas páginas, repito, não pretendem de modo nenhum fixar a teoria de uma apologética geral. Limitam-se

¹ Texto transcrito de “A Minha Fé”, Teilhard de Chardin, Noticias Editorial, Lisboa, 2000, pág. 111-149

² «Hoje, diria "...Julgo que o Espírito, no Homem, se perfaz em algo de Pessoal.» Nota inserida, em 1950, pelo padre Teilhard, em *Le Coeur de la Matière*

a contar, na medida em que os compreendo, os desenvolvimentos de uma experiência pessoal. Neste plano, não satisfarão toda a gente. A alguns dos meus leitores, um certo número das minhas evidências afiguram-se contestáveis, e o encadeamento dos termos romper-se-á do mesmo passo.

No entanto, sob expressões de formas infinitamente variadas, não pode afinal de contas haver senão um eixo psicológico de progressão espiritual para Deus. Mesmo expressas em termos de todo em todo subjectivos, muitas coisas que vou dizer têm necessariamente os seus equivalentes em temperamentos diferentes do meu — e, por simpatia, elas devem fazê-los ressoar. O Homem é essencialmente o mesmo em todos; e basta descer suficientemente fundo em cada um de nós para se encontrar uma base comum de aspirações e de luz. Empregando uma fórmula onde já perpassa o meu tema fundamental: «E por aquilo que temos de mais incomunicavelmente pessoal que tocamos no Universal.»

INTRODUÇÃO: A EVOLUÇÃO DA FÉ

No plano estritamente psicológico onde desejam permanecer estas páginas, entendo por «fé» toda a adesão da nossa inteligência a uma perspectiva geral do Universo. Podemos procurar definir esta adesão por certos aspectos de liberdade («opção») ou de afectividade («atractivo») que a acompanham. Semelhantes traços parecem-me derivados ou secundários. A nota essencial do acto de (é psicológico) consiste, a meus olhos, em perceber como possível e em aceitar como mais provável uma conclusão que, pela amplitude espacial ou por afastamento temporal, extravasa de todas as premissas analíticas. *Crer é operar uma síntese intelectual.*

Dito isto, julgo que a condição primeira imposta pela nossa experiência a qualquer objecto, para ser *real*, requer não que tal objecto se conserve sempre idêntico a si mesmo ou, ao invés, mude sem cessar — mas cresça mantendo certas dimensões próprias que o fazem *continuamente homogêneo a si mesmo*. À nossa volta, toda a vida nasce de uma outra vida, ou de uma «pré-vida», toda a liberdade de uma outra liberdade, ou de uma «pré-liberdade». De igual modo, diria eu, no domínio das crenças, toda a fé nasce de uma fé. Esta geração não exclui, obviamente, o raciocínio. Assim como a liberdade se manifesta na Natureza captando e gizando determinismos, também a fé progride nos nossos espíritos tecendo à sua volta uma rede coerente de pensamentos e de acção. Mas esta rede somente se eleva e se aguenta, ao fim e ao cabo, sob a influência organizadora da fé inicial. Assim o exige, transportado para a psicologia religiosa, o princípio de homogeneidade que domina as transformações sintéticas da Natureza.

Crer é desenvolver um acto de síntese cuja origem primeira é inapreensível.

Segue-se, desta dupla proposição, que para me demonstrar a mim mesmo a minha fé cristã, não poderei ter (e de facto nunca encontrei) outro método senão o de verificar em mim a legitimidade de uma evolução psicológica. Numa

primeira fase, sinto a necessidade de descer, degrau por degrau, a crenças cada vez mais elementares, até uma certa intuição fundamental abaixo da qual já não discirno nada. Numa segunda fase, procuro tornar a subir a série natural (ia dizer o «filo») dos meus actos de fé sucessivos na direcção de uma perspectiva de conjunto que finalmente acaba por coincidir com o cristianismo. — Verificar, primeiro, a solidez de uma fé inicial inevitável. Verificar, em seguida, a continuidade orgânica dos estádios sucessivos atravessados pelos acréscimos desta fé. Não conheço outra apologética para mim mesmo. E não poderei, por conseguinte, sugerir nenhuma outra àqueles para quem desejo a suprema felicidade de se encontrarem um dia face a face com um Universo unificado.

PRIMEIRA PARTE

AS ETAPAS INDIVIDUAIS DA MINHA FÉ

1. A Fé no Mundo

Se, em resultado de alguma reviravolta interior, eu viesse a perder sucessivamente a minha fé em Cristo, a minha fé num Deus pessoal, a minha fé no Espírito, parece-me que continuaria invencivelmente a *acreditar no Mundo*. O Mundo (o valor, a infalibilidade e a bondade do Mundo), tal é, em última análise, a primeira, a derradeira e a única coisa em que creio. E por esta fé que vivo. E é a esta fé, bem o sinto, que no momento de morrer, acima de todas as dúvidas, me abandonarei.

Como descrever, e como justificar, uma tal adesão fundamental?

Sob a sua forma mais desenvolvida, a fé no Mundo, tal como a experimento, manifesta-se por um sentido particularmente desperto das interdependências universais. Uma certa filosofia do Contínuo quis opor a fragmentação intelectual do Mundo aos progressos da Mística. As coisas, em mim, passam-se diferentemente. Quanto mais fiéis somos às sugestões analíticas do pensamento e da ciência contemporâneos, mais nos sentimos aprisionados na rede das ligações cósmicas. Pela crítica do Conhecimento, o sujeito acha-se cada vez mais identificado com os mais longínquos domínios de um Universo, os quais só pode perceber formando parcialmente um mesmo corpo com ele. Pela Biologia (descritiva, histórica, experimental), o vivente é posto cada vez mais em série com a trama inteira da Biosfera. Pela Física, uma homogeneidade e uma solidariedade sem limite descobrem-se nas camadas da Matéria. «Tudo depende de tudo.» Sob esta expressão elementar, a fé no Mundo não difere sensivelmente da aquiescência a uma verdade científica. Ela manifesta-se por uma certa predilecção para aprofundar um facto (a interligação universal) de que ninguém duvida; por uma certa tendência para dar a este facto a prioridade sobre os outros resultados da experiência. E é, segundo me parece, sob a influência combinada dessa sedução e dessa «ênfase» que se dá, no nascimento da minha fé, o passo decisivo. Para todo o homem que pensa, o Universo forma um sistema

interminavelmente ligado no tempo e no espaço. No entender geral, ele forma um *bloco*. Para mim, este termo é apenas um esboço instável de ideia, e conclui-se inevitavelmente numa expressão mais decisiva; o Mundo constitui um *Todo*. — Será legítima a transposição de um conceito para o outro? E sob que forma de percepção se opera ela?

E essencial notá-lo: neste estado nascente, a ideia de *Todo* mantém-se muito vaga em mim, e na aparência indeterminada. Trata-se de uma totalidade estática ou dinâmica? — material ou espiritual? — progressiva no seu movimento ou periódica e circular? Ainda não me ocupo disto. Simplesmente, acima do conjunto ligado dos seres e dos fenómenos, entrevejo, ou pressinto, uma Realidade global cuja condição é a de ser mais necessária, mais consistente, mais rica, mais segura nas suas vias do que nenhuma das coisas particulares que ela envolve. A meu ver, por outras palavras, já não há «coisas», no Mundo: há apenas «elementos».

De «conjunto» a «*Todo*», de «coisas» a «elementos», a transição parece insensível. Mais um pouco e dir-se-ia: identidade. E no entanto aqui se situa, de facto, uma clivagem inicial na massa pensante humana. A classificação das inteligências ou almas pareceria dever ser uma tarefa impossível. Na realidade, ela obedece a uma lei muito simples. Sob infinitas diferenciações secundárias devidas à diversidade das preocupações sociais, das investigações científicas ou das confissões religiosas, há no fundo duas classes de espíritos, e só duas: uns que não ultrapassam (nem sentem a necessidade de ultrapassar) a percepção do *Múltiplo* — por mais ligado em si mesmo, aliás, que este apareça; — e os outros para os quais a percepção deste mesmo *múltiplo* se termina forçosamente nalguma unidade. Os pluralistas e os monistas. Os que não veem, e os que veem. Estas duas tendências opostas serão, naqueles a quem afectam, congénitas e, por consequência, irreformáveis? E ter-se-á o direito de declarar, de uma delas, que é «a verdadeira»? — E todo o problema aqui em germe, do valor absoluto da fé, e da possibilidade da conversão.

A solução mais cómoda (e aquela, de facto, por onde muitos se esquivam) consiste em dizer: Questão de gosto e de «*temperamento*». Nasce-se monista ou pluralista, como geómetra ou músico. Não há nada de «objectivo» a procurar atrás das duas atitudes. Elas exprimem simplesmente as nossas preferências instintivas por um outro de dois pontos de vista igualmente apresentados pelo Universo. Esta resposta parece-me uma escapatória.

Em primeiro lugar, não há realmente equivalência, se reflectirmos bem, entre os dois termos postos em presença. Ser pluralista é como ser fixista: tais palavras não fazem mais do que cobrir um vazio, uma carência. No fundo, o pluralista não adopta qualquer atitude positiva. Só renuncia a dar qualquer explicação. Sendo assim, ou devemos recusar toda a espécie de superioridade ao *positivo* sobre o *negativo* — ou então devemos, por força, inclinar-nos para a única possibilidade construtiva aberta na nossa frente: tratar o Universo como se fosse uno.

Mas haverá necessidade de falar de *força* nestas questões? E a presença do Todo no Mundo não se impõe porventura a nós com a directa evidência de alguma luz? Em verdade, creio que sim. E é mesmo justamente o valor desta intuição primordial que se me afigura suportar o edifício inteiro da minha crença. Em definitivo, e para dar conta de factos encontrados no mais íntimo da minha consciência, sou levado a pensar que o Homem possui, em virtude da sua própria condição de «estar no Mundo», um *sentido* especial que lhe desvela, de uma maneira mais ou menos confusa, o Todo de que ele faz parte. Nada há de espantoso, afinal de contas, na existência deste «sentido cósmico». Por ser sexuado, o Homem possui efectivamente as intuições do amor. Visto que ele é elemento, porque não haveria de sentir obscuramente o atractivo do Universo? No fundo, nada, no imenso e polimorfo domínio da Mística (religiosa, poética, social e científica) se explica sem a hipótese de uma tal faculdade, pela qual reagimos sinteticamente ao conjunto espacial e temporal das coisas para captar o Todo por detrás do Múltiplo. «Temperamento», se quisermos, na medida em que, sendo semelhante a todos os outros dons do espírito, o sentido cósmico é desigualmente vivaz e penetrante consoante os indivíduos. Mas temperamento *essencial*, onde se exprime tão necessariamente a estrutura do nosso ser quanto no desejo de se prolongar e de se unir. Dizia eu mais atrás que há duas categorias primitivas de espíritos: os pluralistas e os monistas. Cumpre-me corrigir agora esta ideia. Individualmente, o «sentido do Todo» pode estar atrofiado, ou então a dormir. Mas a matéria escaparia melhor à gravidade do que uma alma à Presença do Universo. Pelo próprio facto de serem homens, até os pluralistas poderiam «ver»: eles não são mais do que monistas que se ignoram.

Mais adiante, conduzido pela lógica da minha exposição, voltarei a considerar a massa tranquilizadora de pensamento religioso humano que se move conscientemente na atracção sentida de modo apaixonado pelo Todo; e, a esta corrente primordial e poderosa, pedirei que me dê uma direcção final a propósito da qual o meu pensamento pessoal quase hesita. Por ora, basta-me ter estribado num consentimento quase universal o valor de uma intuição pessoal profundamente sentida.

Abandono-me à fé confusa num Mundo Uno e Infalível — onde quer que ela me conduza.

2. A fé no Espírito

Tudo o que olhamos se precisa. Esta lei geral da percepção vale para o sentido cósmico. Não podemos ter-nos despertado para a consciência de Tudo sem que os contornos, a princípio indeterminados da Realidade Universal tendam, sob os nossos tacteios, a tomar figura. Até mesmo neste ponto, tenho a impressão de que o nascimento da minha fé era um fenómeno quase orgânico e reflexo, tal como seria a resposta dos olhos à luz. Distingo agora, nos progressos da minha visão sobre o Mundo, a intervenção de factores mais claramente ligados ao meu tempo, à minha educação e à minha personalidade.

Um primeiro ponto que se desvenda a mim com uma evidência que já nem sequer me lembro de contestar é o de que a Unidade do Mundo é de natureza

dinâmica ou evolutiva. Não faço aqui mais do que encontrar em mim, sob forma participada e individual, a revelação da Duração que modificou tão fundamentalmente no último século a consciência que os Homens tinham do Universo. Além do Espaço que fascinava Pascal, há agora para nós o Tempo, não um tempo receptáculo onde se alojariam os anos — mas um tempo orgânico, medido pelo desenvolvimento do Real global. Outrora, olhávamo-nos a nós próprios, e às coisas à nossa volta, como «pontos» fechados sobre si mesmos. Os seres descobrem-se agora semelhantes a fibras sem fio, entrançadas num processo universal. Num abismo passado, tudo mergulha para trás. E em direcção a um abismo futuro, tudo se lança em frente. Pela sua história, cada ser é co-extensivo à Duração inteira; e a sua ontogénese é apenas o elemento infinitesimal de uma Cosmogénese na qual se exprime finalmente a individualidade, e como que a face do Universo.

Assim, o Todo universal, do mesmo modo que cada elemento, define-se a meus olhos por um movimento particular que o anima. Mas qual pode ser este movimento? Para onde nos arrasta ele? Desta vez, para decidir, sinto agitarem-se e agruparem-se dentro de mim algumas sugestões ou evidências recolhidas durante as minhas pesquisas profissionais. E é na qualidade de historiador da Vida, ao menos tanto quanto na de filósofo, que respondo do fundo da minha inteligência e do fundo do meu coração: «Ao encontro do Espírito.»

Evolução espiritual. Sei que a associação destes dois termos ainda se mostra contraditória, ou pelo menos anti-científica, a um grande número (e talvez à maioria) dos naturalistas e dos físicos.

Dado que as investigações evolucionistas conseguem vincular, de degrau em degrau, os estados de consciência superior a antecedentes aparentemente inanimados, cedemos em larga medida à *ilusão materialista* que consiste em considerar como «mais reais» os elementos da análise do que os termos da síntese. Pode ter parecido, a dada altura, que a descoberta do Tempo, ao abater os diques por detrás dos quais uma filosofia estática protegia a transcendência das «almas», dissolvia o Espírito em fluxos de partículas materiais: já não havia espírito — só matéria. A minha convicção é a de que este mergulho para trás findou, e, a partir de agora, tornamos a subir, impelidos pela mesma corrente evolucionista, na direcção de concepções inversas: já não há matéria, só espírito.

No meu caso particular, a «conversão» operou-se em torno do estudo do «facto humano». — Coisa estranha. O Homem, centro e criador de toda a ciência, é o único objecto que a nossa ciência ainda não conseguiu envolver numa representação homogénea do Universo. Conhecemos a história dos seus ossos. No entanto, para a sua inteligência reflectida, ainda não se achou um lugar regular na Natureza. No meio de um Cosmos onde o primado ainda é deixado aos mecanismos e ao acaso, o Pensamento, esse fenómeno formidável que revolucionou a Terra e se mede com o Mundo, continua a fazer figura de inexplicável anomalia. O Homem, naquilo que tem de mais humano, permanece um sucesso monstruoso e embaraçoso.

Foi para escapar a este paradoxo que me resolvi a inverter os elementos do problema. Expresso a partir da Matéria, o Homem tornava-se a incógnita de uma função insolúvel. Porque não o indicar em termo conhecido do Real? O Homem parece uma excepção. Porque não fazer dele a chave do Universo? O Homem recusa deixar-se meter numa cosmogonia mecanicista. Porque não edificar uma Física a partir do Espírito? — Tentei, à minha conta, esta abordagem do problema. E logo se me afigurou que a Realidade vencida caía desenredada a meus pés³.

Antes de mais, sob a influência desta simples mudança de variável, o conjunto da vida terrestre adquiria figura. Dispersando-se em desordem, em mil direcções diversas, enquanto nos consagramos a distribuí-la segundo simples pormenores anatómicos, a massa dos viventes desdobra-se sem esforço logo que se procura nela a expressão de um impulso contínuo para mais espontaneidade e mais consciência; e o Pensamento encontra o seu lugar natural neste desenvolvimento. Suportado por infinitos tacteios orgânicos, o animal pensante cessa de ser uma excepção na natureza; ele representa simplesmente o estágio embrionário mais elevado que conhecemos no crescimento do Espírito sobre a Terra. Num ápice, o Homem achava-se situado num eixo principal do Universo. E eis que, por uma generalização quase necessária desta primeira constatação, perspectivas ainda mais vastas se abriam diante de mim. Se o Homem é a chave da Terra, porque não há-de ser a Terra, por seu turno, a chave do Mundo? Verificamos, na Terra, um constante aumento «psíquico» através do tempo. Por que motivo não seria esta grande regra a expressão mais geral de Evolução universal que podemos alcançar? Uma Evolução à base de Matéria não salva o Homem: com efeito, todos os determinismos acumulados não são susceptíveis de dar uma sombra de liberdade. Em contrapartida, uma Evolução à base de Espírito conserva todas as leis verificadas pela Física, ao mesmo tempo que conduz directamente ao Pensamento: em boa verdade, uma massa de liberdades elementares em desordem equivale a algo de determinado. Ela salva, *em simultâneo*, o Homem e a Matéria. Logo, importa adoptá-la.

Na constatação deste êxito consuma-se definitivamente, para mim, uma «fé no Espírito» cujos principais artigos podem exprimir-se assim:

d) A Unidade do Mundo apresenta-se à nossa experiência como a ascensão de conjunto, a caminho de algum estado cada vez mais espiritual, de uma Consciência inicialmente pluralizada (e como que materializada). A minha adesão completa e apaixonada a esta proposição fundamental é essencialmente de ordem sintética. Ela resulta de uma gradual e harmoniosa organização de

³ Para efectuar este gesto tão simples, mas libertador, é evidentemente necessário superar a *ilusão* da Quantidade: o Homem parece irrisoriamente perdido e accidental nas imensidões siderais. Mas não se dará o mesmo com o rádio, pelo qual se renovaram as nossas perspectivas da matéria? Importa igualmente superar a *ilusão da fragilidade*, último a chegar entre os animais, o Homem só parece suportado no Mundo por uma pirâmide de circunstâncias excepcionais: mas a história da Terra não está aí toda ela para nos garantir que nada progride mais infalivelmente na Natureza do que as improváveis sínteses da Vida? Finalmente, não devemos deixar-nos intimidar pela censura do *antropocentrismo*: declara-se infantil e presunçoso o facto de o Homem resolver o Mundo relativamente a si mesmo. Mas não constituirá uma verdade científica a circunstância de, no campo da nossa experiência, não haver outro pensamento senão o pensamento humano? Será culpa nossa se coincidimos com o eixo das coisas? E poderia, de resto, ser de outra maneira, visto que somos inteligentes?

tudo o que me oferece o conhecimento do Mundo. Nenhuma outra fórmula senão esta me parece bastar para cobrir a totalidade da experiência.

b) Em virtude da própria condição que o define (a saber: surgir como termo da Evolução universal), o Espírito de que aqui se trata tem uma natureza particular bem determinada. Não representa em nada alguma entidade independente ou antagônica em relação à Matéria⁴ — alguma potência prisioneira ou flutuante no mundo dos corpos. Por Espírito, entendo «o Espírito de síntese e de sublimação» no qual, laboriosamente, entre ensaios e malogros sem fim, se concentra a força de unidade difusa no Múltiplo universal: *o Espírito nascente no seio e em função da Matéria.*

c) O corolário prático destas perspectivas é que, para se dirigir através das brumas da vida, o Homem possui uma regra biológica e moral absolutamente segura, que é a de se encaminhar constantemente ele próprio «em direcção à maior consciência». Agindo assim, ele tem a certeza de chegar a bom porto navegando em companhia do Universo. Por outras palavras, um princípio absoluto de apreciação nos nossos juízos deve ser o seguinte: «Mais vale, seja qual for o preço, ser mais consciente do que menos consciente.» Este princípio afigura-se-me a própria condição da existência do Mundo. No entanto, o facto é que muitos homens o contestam, explícita ou implicitamente, sem suspeitarem da enormidade da sua negação. Muitas vezes, após alguma discussão infrutuosa sobre pontos avançados de filosofia ou de religião, ouvi bruscamente o meu interlocutor dizer que não via que um ser humano fosse absolutamente superior a um Protozoário — ou ainda que o «Progresso» faz a desgraça dos povos. A nossa controvérsia desenvolvera-se por cima de uma ignorância fundamental. Um homem, por muito erudito que fosse, não compreendera que a única realidade existente no Mundo é a paixão de crescer. Ele não dera o passo elementar sem o qual tudo o que me resta dizer parecerá ilógico e incompreensível.

3. A fé na Imortalidade

Chegado ao patamar da fé numa Evolução espiritual do mundo, senti (na esteira de muitos outros, imagino eu) a tentação de parar. Haverá necessidade de ir além desta visão de esperança para fundar uma atitude moral da existência — para justificar e purificar a vida? — E, todavia, uma vez mais, à força de contemplar simpática e admirativamente o Universo, senti evoluir em mim mesmo a minha crença. E reconheci que de nada valia ter descoberto em mim e à volta de mim um Espírito nascente se tal Espírito não fosse imortal. A imortalidade, ou seja, no sentido muito geral em que tomo aqui o vocábulo, *a irreversibilidade*, eis o que me parece seguir-se a toda a ideia de progresso universal, a título de propriedade ou de complemento necessário.

Que, *no conjunto*, o Universo nunca deva parar nem recuar no movimento que o impele para maior liberdade e consciência é algo que me sugere, antes de mais,

⁴ Esta palavra é aqui tomada no seu sentido imediato e concreto (para designar o mundo dos corpos), e não com o seu significado douto (filosófico ou místico) de *face antiespiritual* dos seres.

a própria natureza do Espírito. Em si, o Espírito é uma grandeza física constantemente crescente: não há limite apreciável, de facto, para os aprofundamentos do conhecimento e do amor. Mas se ele *pode* crescer sem interrupção, não será isto uma indicação de que *o fará*, efectivamente, num Universo cuja lei fundamental parece ser a de que: *todo o possível se realiza?* Em verdade, por mais longe que a nossa experiência penetre no passado, vemos a Consciência elevar-se através das idades. Pode-se discutir sem fim a questão de saber se a inteligência humana ainda ganhou, no decurso da História, em perfeição individual. Mas uma coisa é certa: é que, no curto intervalo dos dois últimos séculos, as potências *colectivas* do espírito aumentaram em proporções impressionantes. Tudo se aproxima à nossa volta, e tudo se apresta a fazer bloco na Humanidade. Podemos dizer hoje realmente, sem abandonar o terreno dos factos, que, a perder de vista, o Mundo deriva em torno de nós, arrastado em sentido oposto por duas correntes conjugadas igualmente irreversíveis: a Entropia e a Vida.

Esta impossibilidade que a Vida (tomada no conjunto) mostra em retrogradar é já um sólido argumento a favor da crença na indestrutibilidade das conquistas do Espírito. A esta demonstração pode-se, no entanto, objectar que ela é de ordem empírica, e que só abarca afinal uma extensão e uma fase limitadas do Universo. Seria bastante mais satisfatório ligar directamente a «imortalidade» a alguma propriedade essencial da Evolução cósmica. Podê-lo-emos?

Há muito tempo que julgo ter encontrado, para meu uso pessoal, a solução deste problema na análise da «Acção». Agir (quer dizer, aplicar a nossa vontade à realização de um progresso) parece uma coisa tão simples que não requer explicação alguma. Em realidade, porém, passa-se com esta função elementar o mesmo que com a percepção exterior. Sob o prisma do «bom senso», ver, ouvir, cheirar, pareciam ser actos imediatamente inteligíveis. Contudo, foram necessários para os justificar os imensos esforços de uma Crítica, no termo da qual se concluiu (recordámo-lo mais atrás) que cada um de nós se integra parcialmente na totalidade do Universo. O mesmo se pode dizer da acção. Nós agimos, é bem certo. Mas que propriedades estruturais deve o Real ter para que este movimento possa produzir-se? Que condições deve o Mundo satisfazer para que uma liberdade consciente possa actuar nele? A este problema da acção, respondo inspirando-me em Blondel e Le Roy: «Para activar a coisa, aparentemente tão pequena, que é uma actividade humana, é necessário nada menos que o atractivo de um resultado indestrutível. Só caminhamos na esperança de uma conquista imortal.» E concluo directamente: «Logo, há algo de Imortal à nossa frente.»

Examinemos sucessivamente a proposição maior e o encadeamento deste raciocínio.

Em primeiro lugar, a proposição maior. Esta parece-me constituir um facto psicológico elementar, se bem que para o perceber haja necessidade de uma certa educação do olhar interior. No que me toca, a coisa é clara: no caso de uma *acção verdadeira* (entendo por isto aquela em que damos algo da nossa vida), só

me empenho com a ideia preconcebida, já notada pelo velho Tucídides, de fazer «uma obra para sempre». Não, bem entendido, que eu tenha a vaidade de querer legar o meu nome à posteridade. Mas uma espécie de instinto essencial faz-me entrever, como único desejável, o júbilo de colaborar atómicamente no estabelecimento definitivo de um Mundo; e *nada mais poderia afinal interessar-me*. Desprender uma quantidade infinitesimal de absoluto. Libertar um pouco de ser, para todo o sempre. O resto não passa de insuportável fatuidade.

Vi mais de uma vez contestado o valor deste testemunho interior. Vários dos meus amigos asseguraram-me nada experimentar de semelhante. «Questão de temperamento, disseram-me. Você sente a necessidade de filosofar. Mas porque se há-de discorrer sobre as tendências pessoais? Nós trabalhamos, investigamos, porque nos agrada, da mesma maneira que bebemos um copo...» — E eu porque estou certo de haver lido no fundo de mim mesmo um traço essencialmente humano, logo universal, respondo-lhes: «Não ides até ao fim do vosso coração nem do vosso pensamento. E é por isso, de resto, que dormem em vós o “sentido cósmico” e a fé no Mundo. Lutar, conquistar, satisfaz-vos e atraí-vos. Mas não discernis então que aquilo que é apaziguado em vós pelo esforço é justamente a paixão “de ser definitivamente mais”? Dar-se-ia acaso o mesmo se um dia (por muito longe que seja) *nada* devesse subsistir da vossa obra, *para ninguém?* Tal como é, o vosso gosto da vida mostra-se sentimental e frágil. Eu pareço-vos bizarro e excepcional porque diligencio analisar o meu e ligá-lo a um traço estrutural do Mundo. Ora eu, em verdade, digo-vos que antes de embarcar amanhã na grande aventura donde deve sair a sua consumação será preciso que a massa humana se recolha, toda ela, e examine de uma vez para sempre o valor do impulso que a move em frente. Valerá deveras a pena que nos verguemos — ou até, como convém, que nos apaixonemos — diante da marcha do Mundo?... O Homem, quanto mais é homem, não pode dar-se senão àquilo que ama. E só ama afinal de contas o indestrutível. Multiplicai tanto quanto vos apetecer a extensão e a duração do Progresso. Prometei ainda cem milhões de anos de acréscimo à Terra. Se, no termo deste período, se concluir que o todo da consciência deve regressar a zero, *sem que seja recolhida em parte alguma a secreta essência dela*, então, declaro eu, deporemos as armas — e será a greve. A perspectiva de uma *morte total* (é indispensável reflectir muito nestas palavras para medir o seu poder destrutivo sobre as nossas almas), uma tal perspectiva, dizia eu, tornada consciente, esgotaria imediatamente em nós as fontes do esforço. Vede à vossa volta o número crescente dos que choram secretamente de tédio e dos que se matam para escapar à vida... Já se aproxima o dia em que a Humanidade se aperceberá de que, em virtude da sua própria posição numa Evolução cósmica que ela se tornou capaz de descobrir e de criticar, se encontra biologicamente situada entre o suicídio e a adoração.»

Mas nesse caso, se a proposição maior do meu raciocínio é verdadeira — quer dizer, se, não por fantasia, mas por necessidade interna, a «Vida reflectida» só pode mover-se na direcção do Imortal —, então, *dado o estádio onde suponho chegada a evolução da minha fé*, tenho o direito de rematar, como fiz: «Logo, o Imortal existe.» E, de facto, se o Mundo, tomado na sua totalidade, é algo de infalível (primeira etapa); e se, por outro lado, ele se move para o Espírito

(segunda etapa); então deve ser capaz de nos fornecer o que é essencialmente requerido para a continuação de semelhante movimento: refiro-me a um horizonte *sem limites em frente*. Sem isto, impotente para alimentar os progressos que suscita, ele achar-se-ia na inadmissível situação de ter que se esvaír em náusea todas as vezes que a consciência nascida nele alcançasse a idade da razão.

Assim acaba por se dissipar a meus olhos a miragem da Matéria. Também eu, e talvez mais do que ninguém, comecei secretamente por situar na massa dos corpos a posição de equilíbrio e o princípio de consistência do Universo. Aos poucos, porém, sob a pressão dos factos, vi os valores inverterem-se. O Mundo não se sustenta «por baixo», mas «por cima». Nada de mais instável, na aparência, do que as sínteses gradualmente operadas pela Vida. No entanto, é na direcção destas construções frágeis que a Evolução avança para nunca mais recuar.

Quando tudo o resto, já concentrado ou esvaecido, tiver passado subsistirá o Espírito.

4. A fé na Personalidade

Eis pois que, por degraus, a minha fé inicial no Mundo se mudou irresistivelmente numa fé na espiritualidade crescente e indestrutível do Mundo. No fundo, esta perspectiva é simplesmente aquela a que aderem, mais ou menos confusamente, a maioria dos espíritos de tipo «monista»; seria difícil, de facto, salvar de outro modo «o fenómeno humano». Mas sob que forma devemos representar-nos o termo imortal da Evolução universal? Aqui, as crenças divergem. Pergunte-se a um «monista»⁵ como concebe o Espírito final do Universo. Nove em dez casos, responderá: «Como uma vasta potência impessoal, onde irão afogar-se as nossas personalidades.» Ora a convicção que gostaria de tentar defender aqui é precisamente, ao invés, a de que se há irreversivelmente Vida na nossa frente, este Vivente deve culminar num Pessoal em que nos achemos nós próprios «sobrepersonalizados». Como justificar esta nova etapa na explicação da minha fé?

Simplemente, uma vez mais, obedecendo às sugestões do Real, harmonizado até ao fim, na sua inteireza.

A ideia, tão propagada, de que o Todo, mesmo reduzido à forma de Espírito, só pode ser impessoal tem obviamente a sua origem numa *ilusão espacial*. A nossa volta, o «pessoal» é sempre um «elemento» (uma mónade); e o Universo, em compensação, manifesta-se sobretudo à nossa experiência por actividades difusas. Daí essa impressão tenaz de que o pessoal é um atributo exclusivo do «particular enquanto tal» — e de que ele deve por conseguinte decrescer à medida que se opera a unificação total.

⁵ Este termo é aqui tomado, evidentemente, como oposto a «pluralista», e não num sentido hegeliano

Mas esta impressão, no ponto a que cheguei no desenvolvimento da minha fé, não resiste à reflexão. O Espírito do Mundo, tal como me apareceu nascente, não é um fluido, um éter, uma energia. Completamente diferente destas vaporosas materialidades, ele é uma tomada gradual de consciência, na qual se agrupam e organizam, na sua essência, as inumeráveis aquisições da Vida. Espírito de síntese e de sublimação, como o defini mais atrás. Segundo que via de analogia podemos então imaginá-lo? Será afrouxando o nosso centro individual de reflexão e de afeição? De maneira nenhuma, mas, pelo contrário, estreitando este, sempre cada vez mais além de si mesmo. O ser «personalizado», que nos constitui *humanos*, é o estado mais elevado sob o qual nos é dado apreender o estofado do Mundo. Levada à sua consumação, esta substância deve possuir ainda, num grau supremo, a nossa perfeição mais preciosa. Ela só pode ser, desde logo, «superconsciente», quer dizer, «superpessoal». Respingais perante a ideia de um Universo pessoal. A associação destes dois conceitos parece-vos monstruosa. Ilusão espacial, repetirei eu. Em vez de olhar o Cosmos do lado da sua esfera exterior, material, voltai-vos então para o ponto onde todos os raios se juntam! Também aqui, reduzido à Unidade, o Todo existe — e concentrado neste ponto podeis captá-lo inteiro.

Assim, no que me toca, não posso conceber uma Evolução para o Espírito que não conduza a uma suprema Personalidade. O Cosmos, à força de convergir, não pode desenlaçar-se em *Alguma Coisa*: deve, como já parcial e elementarmente no caso do Homem, terminar-se em *Alguém*. Mas, então, coloca-se a questão subsidiária: o que restará de cada um de nós nesta última Consciência que o Universo adquirirá dele mesmo?

Em si, a bem dizer, o problema de uma sobrevivência pessoal inquieta-me pouco. Desde o momento em que o fruto da minha vida está recolhido num Imortal, o que me importa ter egoisticamente a consciência e o júbilo disto mesmo? Muito sinceramente, a minha felicidade pessoal não me interessa: é suficiente, para a minha alegria, que o melhor de mim próprio se transmita, para sempre, a um mais belo e maior do que eu.

Mas é aqui justamente, do exacto cerne da minha indiferença por sobreviver, que de tal brota a necessidade. O melhor de mim mesmo, disse eu. Mas qual é afinal essa preciosa parcela que o Todo espera recolher em mim? É uma ideia que terá eclodido no meu pensamento? Uma palavra que terei dito? Uma luz que terei irradiado?... Manifesta insuficiência de tudo isto! Admitamos que sou um desses raros humanos cujo rastro visível não se desvanece como o sulco do navio. Admitamos ainda, e façamo-la tão larga quanto possível, a parte (muito real) das influências imponderáveis que cada vivente exerce, sem de tal suspeitar, sobre o Universo em torno de si. O que representa esta fracção utilizada da minha energia comparada com o foco de pensamento e de afecto que constitui a «minha alma»? A obra da minha vida, sim, está representada de algum modo por aquilo que passa de mim para todos. Mas, quanto mais!, por aquilo que eu consigo fazer de incomunicável, de *único*, no fundo de mim mesmo. A minha personalidade, ou seja, o centro particular de percepções e de amor que a minha vida consiste em desenvolver, eis o meu verdadeiro tesouro. Eis, por

consequente, o único valor cujo preço e conservação podem interessar e justificar o meu esforço. E eis, portanto, a porção por excelência do meu ser que o Centro onde convergem todas as riquezas sublimadas do Universo não pode deixar escapar.

Ora, como irá poder operar-se esta transmissão de mim mesmo ao Outro, assim requerida simultaneamente pelas exigências da minha Acção e pelo êxito do Universo? Irei despojar-me do que é «eu» para o dar a «Ele»? Afigura-se-me que temos por vezes a impressão de que este gesto é possível. Mas que ilusão! Reflectamos uns instantes e logo reconheceremos que as nossas qualidades pessoais não são uma chama de que possamos separar-nos ao comunicá-la. Talvez pensássemos despojar-nos delas como de uma veste que se dá. Mas elas coincidem precisamente com a substância do nosso ser — tecidas como são nas suas fibras pela consciência que delas temos. O que deve ser preservado na consumação universal é nada menos que as *propriedades do nosso centro*: por consequência, é este próprio centro; — logo, é precisamente aquilo mediante o qual o nosso pensamento se reflecte sobre si mesmo. A Realidade onde culmina o Universo só pode, pois, desenvolver-se a partir de nós conservando-nos: na Personalidade suprema, só podemos encontrar-nos pessoalmente imortalizados.

Admirais-vos desta perspectiva. Mas é então porque, sob uma de suas múltiplas formas, a ilusão materialista ainda está presente e vos desencaminha, como desencaminhou a maior parte dos panteísmos. Quase invencivelmente, já o lembrei ao iniciar esta alínea, idealizamos o grande Todo sob a figura de um Oceano imenso onde as redes do ser individual vêm desaparecer. Ele é o Mar onde o grão de sal se dissolve, o Fogo onde se volatiliza a palha... Unir-se a Ele é, pois, perder-se. Mas, justamente, esta imagem é falsa, gostaria eu de poder gritar aos Homens, e contrária a tudo o que vi aparecer-me de mais claro no decurso do meu despertar para a fé. Não, o Todo não é a imensidade distendida, logo dissolvente, onde procurais a sua imagem. Mas é essencialmente, Ele como nós, um Centro, dotado das qualidades de um centro. Ora qual é a única maneira de que pode formar-se e alimentar-se um centro? Será decompondo os centros inferiores que caem sob o seu império? — Não, de modo algum — mas reforçando-os à própria imagem dele⁶. A sua maneira de dissolver é unificar ainda mais longe. Fundir-se no Universo, para a mónade humana, é ser superpersonalizada.

Aqui se detêm e culminam os desenvolvimentos individuais da minha fé — num ponto onde, ainda que me acontecesse perder a confiança em qualquer religião revelada, continuaria a fincar-me solidamente, segundo julgo. De etapa em etapa, a minha crença inicial no Mundo adquiriu Figura. O que era a princípio intuição confusa da unidade universal tornou-se sentimento raciocinado e definido de uma Presença. Ao Mundo, agora, sei que me apego e que regressarei, não só pelas cinzas da minha carne, mas por todas as potências

⁶ O que equivale a dizer que a verdadeira união (isto é, a união espiritual ou de síntese) diferencia os elementos que ela aproxima. Não é um paradoxo, mas a lei de toda a experiência. Dois seres que se amam têm alguma vez uma mais viva consciência de cada um deles do que quando se afogam um no outro?

desenvolvidas do meu pensamento e do meu coração.

Posso amá-lo. E dado que assim, no Cosmos, se desenha agora para mim uma esfera superior do Pessoal e das relações pessoais, começo a suspeitar que certas atracções e direcções de natureza intelectual poderiam efectivamente envolver-me e falar-me.

Uma presença nunca é muda.

SEGUNDA PARTE

A CONFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES

1. O fenómeno religioso e a escolha de uma religião

Em virtude da própria estrutura unitária e convergente reconhecida mais atrás ao Universo, a linha de desenvolvimento seguida pela minha crença durante as suas etapas individuais não pode ser uma fibra isolada na evolução do pensamento humano. Se é verdade que o Todo se revela a cada um dos seus elementos para o atrair — e se é verdade também que toda a actividade dotada de autoconsciência experimenta organicamente a necessidade de justificar a si mesma o valor do seu esforço — então, o nascimento da minha fé só representa o elemento infinitesimal de um processo muito mais vasto e muito mais seguro, comum a todos os homens. E é assim que me acho conduzido, pela própria lógica do meu crescimento, a emergir acima do meu individualismo e a descobrir diante de mim a experiência religiosa geral da Humanidade, *para ai me misturar*.

Não ignoro que muitos espíritos, interiormente sensíveis ao Divino, resistem a executar este gesto de adesão a uma força exterior de crença. A Religião: questão estritamente pessoal: eis o que pensam, ou estão prontos a pensar, os mais inteligentes de nós. Uma tal pretensão individualista, do ponto de vista evolucionista-espiritual onde me conduziu a fé no Mundo, acabo já implicitamente de a condenar. A meu ver, o fenómeno religioso, tomado no seu conjunto, não é nada menos do que a reacção, ao Universo enquanto tal, da consciência e da acção humana colectivas em vias de desenvolvimento⁷. Ele exprime, à escala do social, a fé apaixonada no Todo que julguei discernir em mim. O que significa isto senão que ele não pode ter outro tema senão a totalidade do pensamento terrestre? Nascida da necessidade que a Terra tem de explicitar a si mesma um Deus, a Religião está ligada e é co-extensiva não ao homem indivíduo, mas à Humanidade inteira. Nela, como na Ciência, acumulam-se, corrigem-se e, a pouco e pouco, organizam-se infalivelmente uma

⁷ Nada do mais inexacto, pois, do que olhar a religião como um estádio primitivo e transitório atravessado pela Humanidade no decurso da sua infância. Quanto mais o homem for homem, mais lhe será necessário poder e saber adorar. O fenómeno religioso é apenas uma das faces da «humanização». E, tal como esta, ele representa uma grandeza cósmica irreversível.

infinidade de investigações humanas. Como poderia eu evitar agregar-me a ela e onde mais encontraria uma confirmação e um complemento ao movimento pessoal que me conduziu secretamente aos pés de uma adorável, mas ainda silenciosa Presença? Não me passaria pela cabeça, certamente, querer constituir sozinho a Ciência. De igual modo, o meu esforço para acreditar só pode resultar se enquadrado e prolongado por uma experiência humana total. No enorme rio das Religiões, no qual acaba de desembocar a rede dos meus tentames íntimos, devo assim mergulhar sem hesitação. A minha volta, porém, as águas estão muito turvas. Rodopiam em vários sentidos diversos. Chamam-me de um grande número de lados em nome de alguma revelação divina. A qual destas correntes, aparentemente contrárias, devo entregar-me a fim de ser levado pelo caudal até ao Oceano?

Na antiga apologética, a escolha de uma religião encontrava-se principalmente guiada pela consideração do milagre. O privilégio, para uma doutrina, de se apresentar com um cortejo de poderes «superantes das forças da natureza» garantia que ela vinha de Deus. Ninguém mais senão o Criador podia usar esta chancela. Desde logo, uma vez verificado o milagre, só restava aos homens, em virtude de um silogismo muito simples, receber as direcções dadas pelo taumaturgo, *quaisquer que fossem*, de resto, as suas inclinações ou as suas repugnâncias para a tal se conformarem. Naturalmente, supunha-se que a palavra de Deus não podia senão satisfazer a razão e o coração da sua criatura. Mas o facto e a função desta harmonia entre os nossos desejos e a Revelação eram amplamente deixados no estado de subentendido.

Não tenho pessoalmente qualquer dificuldade em aceitar o milagre desde que este não vá (é a própria tese da Igreja) contra as regras *cada vez mais numerosas e precisas* que descobrimos na evolução natural do Mundo⁸. Mais ainda: convencido, como estou, de que os determinismos da Matéria são apenas servidões residuais do Espírito, não compreenderia que, em torno do eixo principal de espiritualização representado pela «verdadeira religião», não se manifestasse (e mais do que alhures) uma libertação progressiva dos corpos. Mas, justamente porque esta deslocação contínua para o alto dos limites das nossas possibilidades me parece constituir um prolongamento sem ruptura de uma propriedade natural da Evolução, cesso de ver aqui um carácter bem marcado, equivalente a um rasgão por Deus do véu sem costura dos fenómenos. O milagre, bem compreendido, permanece a meus olhos um critério de verdade, mas subordinado e secundário. A única razão capaz de me decidir a aderir a uma religião só pode ser afinal (o que resulta da primeira parte deste trabalho) a harmonia de ordem superior existente entre essa religião e o credo individual ao qual me conduziu a evolução natural da minha fé.

Fé na unidade do Mundo, fé na existência e na imortalidade do Espírito nascente da síntese do Mundo — resumindo-se estas três fés na adoração de um centro (pessoal e personalizante) de convergência universal: tais são, repito, os

⁸ Com efeito, se tomar os prodígios, mesmo evangélicos, tal como os apresentam amiúde, vejo-me forçado a dizer que creio, não em virtude, mas a despeito dos milagres que me propõem. E estou certo de que tal é a situação inconfessada de uma massa de cristãos.

termos deste credo. Vejamos em que corrente devo lançar-me para que semelhantes aspirações sejam mais favoravelmente recebidas, corrigidas e multiplicadas. Nisto consistirá, para mim, a prova das religiões.

2. A prova das Religiões

Apesar de certos fervilhamentos superficiais, devidos à insatisfação dos fiéis mais do que ao nascimento de um novo ideal, o complexo das religiões tende, sob a influência do espírito «moderno» a simplificar-se notavelmente. E, pelo menos, a impressão que retiro da sua observação. E visto que, nestas páginas, não se trata explicitamente senão de mim mesmo, direi que em meu entender basta um primeiro exame para reduzir a três os tipos de crenças *possíveis*. O grupo das religiões orientais, os neopanteísmos humanitários - e o Cristianismo: eis as direcções entre as quais poderia hesitar, se me encontrasse (como suponho aqui ficticiamente) no caso de ter ainda que escolher realmente a minha religião⁹.

a) A grande sedução das *religiões orientais* (digamos o Budismo para assentar ideias) é a de serem eminentemente universalistas e cósmicas. Talvez nunca o sentido do Todo, que é a seiva de qualquer mística, haja jorrado com mais exuberância do que nas planícies da Índia. É aqui, quando se escrever uma história sintética das religiões, que se deverá situar, alguns séculos antes de Cristo, o nascimento do panteísmo. E também para aqui, quando cresce a expectativa de uma nova revelação, que se voltam nos nossos dias os olhos da Europa moderna. Comandada, conforme já disse, pelo amor ao Mundo, a minha fé individual teria de ser especialmente sensível às influências orientais. E estou perfeitamente ciente de haver sofrido a atracção delas até ao dia em que me dei conta de que o Oriente e eu entendíamos coisas diferentes sob palavras iguais. O Espírito, para o ságe hindu, é a unidade homogénea onde o perfeito vem perder-se suprimindo todos os matizes e todas as riquezas individuais. Pesquisas, personalização, progressos terrestres: outras tantas pestes da alma. *A Matéria é peso morto e uma ilusão*. Para mim, ao invés, como afirmei, o Espírito é a unidade de síntese na qual o santo vem perfazer-se levando ao extremo a diferenciação e os recursos da sua natureza. Saber e poder: eis o único caminho conducente à libertação. *A Matéria está inteiramente carregada de possibilidades sublimes*. Assim, o Oriente fascina-me pela sua fé na unidade final do Universo. Mas acontece que temos, ele e eu, duas concepções opostas das relações de passagem entre a Totalidade e os seus elementos. Para ele, o Uno surge da supressão — e para mim, nasce da concentração do Múltiplo. Duas morais, duas metafísicas e duas místicas sob as mesmas aparências monistas¹⁰. Desfaça-se o equívoco, e será bastante, julgo eu, para que das religiões orientais, conducentes logicamente à renúncia passiva, se desafeiçoe o nosso Mundo moderno sobretudo ávido de legitimar religiosamente as suas conquistas. Sobre mim, pelo

⁹ Apesar do número dos seus adeptos, e dos seus progressos constantes (em camadas pouco evoluídas da Humanidade, notemo-lo) o Islão não é aqui considerado por não fornecer, na minha opinião (pelo menos sob a sua forma original), qualquer solução particular ao problema moderno da religião. Julgo que ele representa um judaísmo residual, sem individualidade. E só pode desenvolver-se tornando-se humanitário ou cristão.

¹⁰ Tomo aqui, claro está, as religiões orientais tal como são *de direito*, em virtude da sua concepção fundamental do Espírito, e não tal como se tornam *de facto* nos neobudismos, por convergência com as místicas de tipo ocidental.

menos, o seu magnetismo perdeu, *ipso facto*, todo o poder. O Deus que procuro deve manifestar-se a mim como um salvador da actividade humana. Pensava tê-lo entrevisto no Oriente. Não me esperaria Ele do outro lado do horizonte, nas regiões recentemente abertas à mística humana pela «rota do Ocidente»?

b) Ao contrário das veneráveis cosmogonias asiáticas que acabo de eliminar, os *panteísmos humanitários* representam à nossa volta uma forma muito nova de religião. Religião pouco ou nada codificada (afora o Marxismo). Religião sem Deus aparente e sem revelação. Mas Religião no verdadeiro sentido, se por tal palavra designarmos a fé contagiosa num ideal pelo qual se dá a vida. Apesar de extremas diversidades de pormenor, um número rapidamente crescente dos nossos contemporâneos concordam desde já em reconhecer que o interesse supremo da existência consiste em dedicarem-se de corpo e alma ao Progresso universal — exprimindo-se este pelos desenvolvimentos tangíveis da Humanidade. Há muito tempo que o Mundo não assistia a um tal efeito de «conversão». O que dizer senão que, sob formas variáveis (comunistas ou nacionalistas, científicas ou políticas, individuais ou colectivas), vemos positivamente nascer e constituir-se à nossa volta, desde há um século, uma Fé nova: a Religião da Evolução. Tal é a segunda das correntes espirituais com as quais devo medir a minha fé.

Por natureza e por ocupação, sou demasiado um filho do Mundo (já ô disse mais atrás) para não me sentir no meu lugar num tempo edificado à glória da Terra. E o que representa, a bem dizer, o «sentido cósmico» donde germina o organismo inteiro da minha crença senão dessa mesma fé no Universo que anima os panteísmos modernos? — O Oriente desagradara-me porque não deixa logicamente qualquer lugar ou valor aos desenvolvimentos da natureza. Aqui, pelo contrário, depara-se-me, erigida numa espécie de absoluto, a gênese da maior consciência, e o seu cortejo essencial de criações e de pesquisas. Aqui, vejo-me incitado aos esforços sem limite para a conquista do tempo e do espaço. Aqui, sinto-o, é o meio interior natural onde sou feito para me desabrochar e evoluir. Como explicar de outro modo a simpatia imediata e o acordo profundo que sempre notei entre mim e os mais emancipados servidores da Terra? — Assim, apreciei, não raro aventurar-me em sonhos na esteira deles, curioso por adivinhar até onde poderiam coincidir os nossos itinerários. Ora, invariavelmente, ao cabo de um tempo muito curto, sentia-me decepcionado. É que, após uma bela partida, os adoradores do Progresso param quase imediatamente, sem quererem ou poderem ultrapassar o segundo estágio da minha crença individual, li cerro que se lançam em direcção à fé no Espíriro (o *verdadeiro* Espíriro de sublimação e de síntese). Ao mesmo tempo, porém, recusam-se a indagar se, para legitimar o dom que lhe fazem de si próprios, esse Espíriro se apresenta a eles dotado de imortalidade e de personalidade. Estas duas propriedades, necessárias a meu ver para justificar o esforço humano, negam-nas eles a maior parte das vezes; ou, pelo menos, procuram edificar fora delas o corpo da sua religião. Donde advém em breve uma sensação de insegurança, de inacabamento, de «asfixia».

As Religiões hindus davam-me a impressão de um abismo onde nos lançássemos para captar a imagem do Sol. Entre os panteístas humanitários de hoje, parece-me que se sufoca sob um céu demasiado baixo.

c) Resta-me, então, voltar-me para o terceiro e último braço do rio — para a *corrente cristã*. Aqui sem dúvida, por eliminação, deve encontrar-se a direcção que busco — aquela onde reencontrarei, amplificadas por uma longa tradição viva, as tendências donde saiu e das quais se nutre a minha fé. Entreguei-me, pois, às influências da Igreja. Já não, desta feita, mediante uma experiência mental fictícia, mas no decurso de uma tentativa prolongada, procurei fazer coincidir a minha pequena religião pessoal com a grande Religião de Jesus. Pois bem, para ser absolutamente *verdadeiro* diante de mim mesmo, como diante dos outros, devo dizer que, pela terceira vez, o acordo não se estabeleceu — ao menos, desde o início. Não me reconheci a princípio no Evangelho, e passo a dizer porquê.

O Cristianismo é, por excelência, a Religião do Imperecível e do Pessoal. O seu Deus pensa, ama, fala, castiga, recompensa como *Alguém*. O seu Universo culmina em almas imortais, responsáveis para todo o sempre pelo destino delas. Assim se anima e se abre de par em par, acima dos seus fiéis, o mesmo céu que para os panteísmos humanitários permanecia impassível e fechado. Há, nesta iluminação dos cimos, um magnífico atractivo. Mas o caminho para lá chegar pareceu-me durante muito tempo cortado da Terra — como se me pedissem para escalar nuvens. E que, à força de só encarar relações «pessoais» no Mundo, o Cristão médio acabou por fazer minguar à medida do «homem jurídico» o Criador e a Criatura. De tanto ouvir exaltar o valor do espírito e a sobrenaturalidade do divino, acabou por ver a alma como um hóspede de passagem no Cosmos e uma prisioneira da Matéria. Para ele, desde logo, o Universo cessou de estender sobre toda a experiência interior o primado da sua orgânica unidade: a operação da salvação, tornada assunto de êxito individual, desenvolve-se sem cuidar da evolução cósmica. O Cristianismo não parece acreditar no Progresso humano. Não desenvolveu, ou deixou adormecer dentro de si, *o sentido da Terra...* Como não havia eu então de sentir — eu em quem toda a seiva se eleva da Matéria — que a minha adesão à sua moral e à sua teologia era forçada e convencional? As minhas esperanças supremas, essas mesmas que os panteísmos nem de Oriente nem de Ocidente podiam satisfazer, cumulava-as a fé em Jesus. Mas não seria para me retirar, com a outra mão, o único suporte sobre o qual podia elevar-me à expectativa de uma imortalidade divina: a fé no Mundo? — A minha religião individual tinha então exigências tão excepcionais ou tão novas que nenhuma fórmula antiga podia satisfazê-la?

Podia reear que sim.

Foi então que me apareceu o Cristo-Universal.

3. O Cristo-Universal e a convergência das Religiões

O Cristo-Universal, tal como o compreendo, é uma síntese de Cristo e do Universo. Não uma divindade nova — mas uma explicação inevitável do mistério no qual se resume o Cristianismo: a Encarnação.

Enquanto a descrevemos ou abordamos em termos jurídicos, a Encarnação parece um fenómeno simples — sobre-ponível a qualquer espécie de Mundo. Quer o Universo seja pequeno ou grande, estático ou evolutivo, é sempre igual-

mente simples para Deus *dá-lo* ao seu Filho: com efeito, não se trata afinal senão de uma declaração. Muito diferente se mostra a situação se a encararmos de um ponto de vista orgânico que é, no fundo, o de todo o verdadeiro conhecimento do Real. A crença mais cara ao cristão (digamos, mais exactamente, ao católico) é a de que Cristo, pela sua «graça», o envolve e o faz participante da sua vida divina¹¹. Mas então como pode operar-se (de possibilidade física) esta misteriosa tomada? «Pela potência divina», dizem-nos. Pois sim, mas tal resposta faz-me lembrar o modo de o negro explicar o avião dizendo: «É coisa dos brancos.» Como, precisamente, deve a potência divina combinar o Universo para que aí seja biologicamente realizável uma Incarnação? Eis o que me interessa. Eis o que procurei compreender. E eis o que me levou à seguinte conclusão.

Se queremos, nós, os cristãos, *conservar* em Cristo as próprias qualidades que fundam o seu poder e a nossa oração, nada temos de melhor, ou até nada mais temos a fazer senão aceitar até ao fim as concepções mais modernas da Evolução. Sob a pressão conjugada da Ciência e da Filosofia, o Mundo impõe-se cada vez mais a nossa experiência e ao nosso pensamento como um sistema ligado de actividade que se eleva gradualmente para a liberdade e a consciência. A única interpretação satisfatória deste processo, acrescentava eu mais atrás, e olha lo como irreversível e convergente. Assim se define, na nos sa frente, um *Centro cósmico universal* onde tudo desemboca, onde tudo se explica, onde tudo se sente, onde tudo se comanda. Pois bem, é neste pólo físico da universal evolução que é necessário, em minha opinião, colocai e reconhecer a plenitude de Cristo. De facto, *em nenhuma outra espécie de Cosmos, e em nenhum outro lugar* qualquer ser, *por muito divino que fosse*, poderia exercer a função de universal consolidação e de universal animação que o domina cristão reconhece a Jesus¹². A Evolução, ao descobrir um cimo no Mundo, torna Cristo possível — assim como Cristo, ao dar um sentido ao Mundo, torna possível a Evolução.

Tenho perfeita consciência do que há de vertiginoso nesta ideia de um ser capaz de reunir na sua actividade e na sua experiência individual todas as fibras do Cosmos em movimento. No entanto, ao imaginar uma tal maravilha nada mais faço, repito, do que transcrever em termos de realidade física as expressões jurídicas em que a Igreja depôs a sua fé. De modo equivalente, sem de tal se aperceber, o mais obscuro dos católicos impõe, pelo seu Credo, uma estrutura particular ao Universo. Prodigiosa e, não obstante, coerente. Não será uma simples ilusão quantitativa, observava eu mais atrás, que nos faz considerar incompatíveis o Pessoal e o Universal?

¹¹ Esta união superior opera-se, segundo acrescentam, numa zona «sobrenatural» da alma. E, por ter acrescentado tal qualificativo obscuro, o teólogo parece julgar-se dispensado de indagar como podem conciliar-se em conjunto as exigências do dogma e as possibilidades da Terra. No entanto, o problema existe, e é de monta. «Sobrenatural» (seja qual for precisamente o conteúdo positivo do termo) só pode significar «supremamente real», quer dizer, «supremamente conforme» às condições de realidade impostas aos seres pela Natureza. Para *poder* ser o Salvador e a Vida das almas nos seus prolongamentos sobrenaturais, Cristo deve assim, em primeiro lugar, satisfazer certas condições tace ao Mundo tomado na sua realidade experimental e natural.

¹² Por outras palavras, Cristo necessita de encontrar um Cimo do Mundo para a sua consumação, do mesmo que necessitou de encontrar uma Mulher para a sua concepção.

Quanto a mim, enveredei sem hesitar pela única direcção onde me parecia possível fazer progredir e, logo, salvar a minha fé. O Jesus ressuscitado que os outros me ensinavam a conhecer, tentei situá-lo à cabeça do Universo que eu adorava de nascença. E o resultado desta tentativa é que, desde há vinte e cinco anos, me maravilho sem descanso perante as infinitas possibilidades que a «universalização» de Cristo abre ao pensamento religioso.

O catolicismo decepcionara-me, aparentemente, pelas suas representações estreitas do Mundo e pela sua incompreensão do papel da Matéria. Reconheço agora que, na linha do Deus incarnado que ela me revela, só posso ser salvo formando corpo com o Universo. E são, do mesmo passo, as minhas aspirações «panteístas» mais profundas que se acham satisfeitas, guiadas, apaziguadas. O Mundo, à minha roda, torna-se divino. Todavia, nem as chamas me destroem — nem as águas me dissolvem. Na verdade, ao invés dos falsos monismos que impelem por mor da passividade para a inconsciência, o «pancristismo» que eu descubro coloca a união no termo de uma diferenciação laboriosa. Só me tornarei o Outro sendo absolutamente eu próprio. Só alcançarei o Espírito soltando até ao fim as potências da Matéria. O Cristo total somente se consuma e é atingível no terreno da Evolução universal. N'Ele encontrei aquilo com que o meu ser sonhava: um Universo personalizado, cuja dominação me personaliza. E detenho esta «Alma do Mundo» já não apenas como uma criação frágil do meu pensamento individual, mas como o produto de uma longa revelação histórica onde os menos crentes são por certo obrigados a reconhecer uma das principais directrizes do progresso humano.

Com efeito (e talvez seja isto o mais maravilhoso de tudo), o Cristo -Universal onde se satisfaz a minha fé pessoal não é outra coisa senão a expressão autêntica do Cristo no Evangelho. Cristo renovado, sem dúvida, em contacto com o Mundo moderno, mas Cristo *engrandecido a fim* de permanecer igual a si mesmo. Censuraram-me por ser um inovador. Na realidade, quanto mais meditei nos magníficos atributos cósmicos prodigados por São Paulo ao Jesus ressuscitado, quanto mais reflecti no sentido conquistador das verdades cristãs, mais me apercebi de que o Cristianismo só adquiria o seu pleno valor se levado (como gosto de fazer) a dimensões universais. Inesgotavelmente fecundadas uma pela outra, a minha fé individual no Mundo e a minha Fé cristã em Jesus não cessaram de se desenvolver e de se aprofundar. *Por este sinal*, de um acordo contínuo entre o que há de mais nascente em mim e de mais vivo na religião cristã, reconheci, definitivamente que encontrara nesta o complemento procurado de mim mesmo e dei-me ¹³.

Mas se eu me dei, porque não se darão também, por seu turno, os outros, todos os outros? Afirmei ao começar: estas linhas são uma confissão pessoal. Contudo, no fundo do meu espírito, ao escrevê-las, senti passar algo de maior que eu mesmo. A paixão pelo Mundo donde brota a minha fé — outrossim a insatisfação que experimento, antes de tudo, diante de qualquer das formas

¹³ Quanto mais penso nisto, menos vejo outro critério para a verdade do que estabelecer um máximo crescente de coerência universal. Um tal êxito tem algo de *objetivo*, ultrapassando os efeitos de *temperamento*.

antigas de religião —, não serão ambas o rasto, no meu coração, da inquietude e da expectativa que marcam o estado religioso do Mundo de hoje?

No grande rio humano, as três correntes (oriental, humana, cristã) ainda se opõem. No entanto, por sinais seguros, podemos reconhecer que elas se aproximam. O Oriente parece ter já quase esquecido a passividade original do seu panteísmo. O culto do Progresso abre cada vez mais amplamente as suas cosmogonias às forças de espírito e de liberdade. O Cristianismo começa a inclinar-se perante o esforço humano. Nos três ramos trabalha obscuramente o mesmo espírito que me fez a mim mesmo.

Mas, então, a solução que a Humanidade moderna persegue não será essencialmente aquela mesma que eu encontrei? Julgo que sim e, com esta visão, concluem-se as minhas esperanças. Uma convergência geral das Religiões num Cristo-Universal que, no fundo, as satisfaz a todas: tal se me afigura ser a única conversão possível do Mundo, e a única forma imaginável para uma Religião do futuro.

EPÍLOGO

AS SOMBRAS DA FÉ

Acabei de enumerar as razões e as modalidades da minha crença. Só me resta dizer que espécie de claridade ou de segurança encontrei nas perspectivas a que adiro. E terei então terminado de contar a história da minha fé.

Após o que deixei dito sobre a minha convicção de que existe um termo pessoal divino para a Evolução universal, poder-se-ia pensar que, adiante da minha vida, o Futuro se desvela sereno e iluminado. Para mim, portanto, a morte apareceria apenas como um desses sonos após os quais não duvidamos de ver erguer-se uma gloriosa manhã.

Mas assim não acontece.

Seguro, cada vez mais seguro, de que devo caminhar na existência como se no termo do Universo me aguardasse Cristo, não sinto no entanto qualquer certeza particular da existência deste. Crer não é ver. Mais do que ninguém, julgo eu, caminho entre as sombras da fé.

As sombras da fé... Para justificar esta obscuridade tão estranhamente incompatível com o sol divino, os doutores explicam-nos que o Senhor, voluntariamente, se esconde, a fim de pôr à prova o nosso amor. E preciso estar incuravelmente perdido nos jogos do espírito, é preciso nunca ter encontrado em si e nos outros o sofrimento da dúvida, para não sentir o que esta solução tem de odioso. Como é possível, meu Deus, que as vossas criaturas estejam diante de vós, perdidas e angustiadas, pedindo socorro? Bastar-vos-ia, para as fazer

acorrer a vós, mostrar um raio dos vossos olhos, a fimbria do vosso manto — e negá-lo-eis?

A obscuridade da fé, em meu entender, é apenas um dos casos particulares do problema do Mal. E, para superar este escândalo *mortal*, só enxergo uma via possível: é reconhecer que se Deus nos deixa sofrer, pecar, duvidar, é porque *não pode*, agora e de repente, curar-nos e mostrar-se. E se o não pode, é apenas porque ainda somos *incapazes*, em virtude do estágio em que se acha o Universo, de mais organização e de mais luz.

No decurso de uma criação que se desenvolve no Tempo, o Mal é inevitável. Também aqui, a solução libertadora é-nos dada pela Evolução.

Não, Deus não se esconde, estou certo disso, para que o procuremos — assim como não nos deixa sofrer para aumentar os nossos méritos. Muito pelo contrário, debruçado sobre a Criação que se eleva até Ele, trabalha com todas as suas forças para a beatificar e a iluminar. A semelhança de uma mãe, Ele espreita o seu recém-nascido. Mas os meus olhos ainda não podem distingui-lo. Não será necessária, justamente, toda a duração dos séculos para que o nosso olhar se abra à luz?

As nossas dúvidas, como os nossos males, são o preço e a condição inseparáveis de um acabamento universal. Aceito, nestas circunstâncias, caminhar até ao fim por uma estrada na qual cada vez acredito mais, em direcção a horizontes cada vez mais afogados na bruma ¹⁴.

Eis como eu creio.*

¹⁴ Os horizontes, então afogados na bruma, iriam iluminar-se: «Há já quatro meses que o sol da Energia Crística não cessa de se elevar verticalmente no meu céu (intelectual e místico)», escreverá o padre Teilhard, em 1947, ao seu amigo abade Gâté. E os últimos escritos do padre dão testemunho do paroxismo da iluminação: «É no deslumbramento de uma universal Transparência e de um universal Abrasamento que terei a alegria de fechar os olhos.» (*Le Cœur de la Matière*, 1950.) «A Energia fazendo-se presença... Julgo que um só raio de uma tal luz, ao cair sobre a Noosfera, deveria provocar uma explosão suficientemente forte para abrasar e renovar instantaneamente a face da Terra...» (*Le Christique*, Matço de 1955.) (N. do E.)

* *Inédito*. Pequim, 28 de Outubro de 1934.